

Outra falência bancária previsível

Mais uma vez a regulamentação financeira se mostrou inadequada

Por Joseph Stiglitz

Valor, 14/03/2023

A corrida ao Silicon Valley Bank (SVB), do qual depende quase metade de todas as startups de tecnologia respaldadas por “venture capital” dos EUA, é, em parte, reprise de uma história conhecida, mas é mais do que isso. Mais uma vez, a política econômica e a regulamentação financeira se mostraram inadequadas.

A notícia sobre a segunda maior falência bancária na história americana ocorre apenas dois dias depois que o presidente do Federal Reserve, Jerome Powell, garantiu ao Congresso que os bancos americanos estavam em condição saudável. Mas o momento em que ocorreu não deveria surpreender. Em vista das grandes e aceleradas elevações das taxas de juros articuladas por Powell - talvez as mais significativas desde as altas promovidas pelo ex-diretor, Paul Volcker, 40 anos atrás -, previa-se que movimentos drásticos dos preços dos ativos financeiros causariam traumas em algum ponto do sistema financeiro.

Precisamos de uma regulamentação mais rígida, para garantir que todos os bancos sejam seguros. Todos os depósitos devem ser assegurados. E os custos deveriam ser bancados pelos que mais se beneficiam: pessoas físicas e jurídicas endinheiradas

Mas, repetindo, Powell afirmou que não deveríamos nos preocupar - apesar de farta experiência histórica indicar que deveríamos, sim, nos preocupar. Powell participou da equipe reguladora do ex-presidente Donald Trump que se empenhou em enfraquecer as regulações bancárias da Lei Dodd-Frank sancionadas após o desastre financeiro de 2008, a fim de liberar os bancos “menores” dos padrões vigentes adotados para os maiores bancos, sistemicamente importantes. Pelos padrões do Citibank, o SVB é pequeno. Mas não é pequeno nas vidas dos milhões que dependem dele.

Os problemas mais graves estariam reservados para membros dos grupos marginalizados e vulneráveis, como jovens não brancos do sexo masculino. Sua taxa de desemprego é quatro vezes maior do que a média nacional, portanto um aumento de 3,6% para 5% se traduz em um aumento de algo como 15% para 20%, para eles.

Agora, temos um novo conjunto de vítimas, e o setor e região mais dinâmicos dos EUA ficarão paralisados. Os empresários de startups do Vale do Silício, muitas vezes jovens, achavam que o governo estava cumprindo o seu papel, e por isso se concentraram em inovação, e não em olhar as demonstrações de resultados de seu banco diariamente - o que, em todo caso, eles não poderiam fazer (transparência completa: minha filha, CEO de uma startup de educação, é uma dessas empreendedoras dinâmicas).

De acordo com as informações disponíveis, a derrocada do SVB não se deveu ao tipo de más práticas de concessão de empréstimos que levaram à crise de 2008 e que representam um fracasso fundamental no desempenho, pelos bancos, de seu papel central na alocação de crédito. Em vez disso, ela foi mais prosaica: todos os bancos praticam “transformação de

vencimento”, que disponibilizam depósitos de curto prazo para investimentos de longo prazo. O SVB tinha comprado bônus de longo prazo, o que expôs a instituição a riscos quando as curvas de rendimento mudaram drasticamente.

Além disso, a nova tecnologia também torna absurdo o velho limite de US\$ 250 mil sobre o seguro a depósitos federais: algumas empresas praticam a arbitragem regulatória ao disseminar recursos por um grande número de bancos. É loucura recompensá-las às custas dos que confiaram que as autoridades reguladoras cumpririam seu papel. Como fica a imagem de um país em que os que trabalham arduamente e lançam novos produtos que as pessoas querem são abatidos simplesmente porque o sistema bancário os abandona?

Uma série de grupos que se opõem às regras e regulamentações governamentais se tornou, repentinamente, defensora de que o governo prestasse socorro financeiro ao SVB, a exemplo de quando os financistas e formuladores de políticas públicas que conceberam a enorme desregulamentação que levou à crise de 2008 defenderam prestação de socorro financeiro aos que a causaram. Lawrence Summers, que encabeçou a tarefa de promover a desregulamentação financeira como secretário do Tesouro no governo do presidente Bill Clinton, também defendeu um pacote de socorro financeiro para o SVB - o que se revela ainda mais notável, visto que ele adotou uma posição firme contra conceder ajuda aos estudantes endividados.

A resposta agora é a mesma de 15 anos atrás. Os acionistas e detentores de bônus, que se beneficiaram do comportamento de risco da empresa, deveriam arcar com as consequências. Mas os depositantes do SVB - empresas e famílias que confiavam que os reguladores cumpririam o seu papel, devem ser socorridos, seja acima ou abaixo da quantia “assegurada” de US\$ 250 mil.

Agir de outra maneira causaria danos de longo prazo a um dos setores econômicos mais vibrantes dos EUA; independentemente do que se pensa das Big Tech, a inovação precisa continuar, inclusive em áreas como tecnologia verde e educação. Em termos mais gerais, não fazer nada emitiria um recado perigoso para a opinião pública: a única maneira de ter certeza de que seu dinheiro está protegido é colocá-lo nos bancos importantes “grandes demais para quebrar”.

Após um fim de semana angustiante, o governo finalmente agiu corretamente do ponto de vista do bem comum - garantiu que todos os depositantes seriam socorridos, evitando uma corrida que poderia ter desestruturado a economia. Ao mesmo tempo, os acontecimentos deixaram claro que alguma coisa anda errada no sistema.

O SVB representa mais do que a falência de um banco. É um símbolo de profundos fracassos da condução tanto da política reguladora quanto da monetária. Como ocorreu na crise de 2008, era previsível e prevista. Esperemos que os que ajudaram a criar essa confusão consigam desempenhar papel construtivo na minimização dos danos e que, desta vez, todos nós - executivos de bancos, investidores, formuladores de política de governo e a opinião pública - tiremos as lições corretas. Precisamos de uma regulamentação mais rígida, para garantir que todos os bancos sejam seguros. Todos os depósitos bancários devem ser assegurados. E os custos deveriam ser bancados pelos que mais se beneficiam [do sistema]: pessoas físicas e jurídicas endinheiradas e os que mais dependem do sistema bancário, com base em depósitos, transações e outras métricas relevantes.

Passaram-se mais de 115 anos desde o pânico de 1907, que levou à fundação do Federal Reserve System. Novas tecnologias facilitaram o pânico e as corridas aos bancos. Mas as consequências podem ser ainda mais graves. Chegou a hora de nossa estrutura de formulação de políticas públicas e de regulamentação reagir. **(Tradução de Rachel Warszawski).**

Joseph E. Stiglitz, laureado com o prêmio Nobel de Economia, é professor da Universidade de Columbia e membro da Comissão Independente pela Reforma da Taxação Corporativa Internacional.